

Um "Livro de Artista" | Rosângela Rennó

Lançamento do livro no Paço Imperial, Rio de Janeiro, RJ
20 de fevereiro de 2010

O PROJETO 2005-510117385-5 - UM "LIVRO DE ARTISTA", DE ROSÂNGELA RENNÓ É O RESULTADO DA VISÃO CRÍTICA DA ARTISTA SOBRE A NECESSIDADE DA CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS E DE SUA SEGURANÇA.

2005 - 510117385 - 5

2005-510117385-5 | um “livro de artista” em dois formatos

Rosângela Rennó

Em algum momento entre 2 de abril e 14 de julho de 2005, durante uma greve de funcionários da Fundação Biblioteca Nacional, 946 peças, entre elas 751 fotografias, foram furtadas da Sala Aloísio Magalhães, local conhecido como Divisão de Iconografia da FBN. Não havia sinal de arrombamento. Os autores do furto trabalharam com sutileza, escolhendo autores e temas, esvaziando álbuns, substituindo fotografias, para que o crime só fosse descoberto algum tempo depois. Passados cinco anos, com uma investigação criminal ainda em curso e alguns dos ladrões presos, apenas 101 dessas fotografias foram recuperadas. Todas se encontram mutiladas, pois os criminosos tentaram, de diversas maneiras, apagar as marcas de registro de patrimônio da FBN. O inquérito criminal de número 2005-510117385-5 ainda não foi concluído, e os mentores do furto não foram punidos.

A maior parte das fotografias furtadas do acervo da Divisão de Iconografia pertenciam à Coleção D. Thereza Cristina Maria, nome dado à biblioteca particular do imperador D. Pedro II e por ele doada à então Biblioteca Nacional após a Proclamação da República, em 1889. Essa coleção, que incluía cerca de 40 mil imagens fotográficas, foi registrada, em 2003, no Programa Memória do Mundo, da Unesco, sob o título *A coleção do imperador: fotografia brasileira e estrangeira no século XIX*.

Alguns meses antes da greve e do furto, outro setor da FBN foi vítima de um golpe de outra natureza: do Laboratório de Fotografia e Digitalização da FBN foram furtados os principais discos rígidos dos computadores, nos quais vinham sendo arquivadas todas as reproduções digitais do acervo da Divisão de Iconografia. Da mesma maneira, nenhum vestígio foi deixado na cena do crime, os autores do furto não foram encontrados e ninguém foi punido. Os dois crimes nunca foram oficialmente relacionados.

A partir das fotografias “devolvidas” à Biblioteca Nacional, após o furto, entre 2006 e 2009, Rosângela Rennó desenvolveu um projeto de “livro de artista” em dois formatos distintos: um com características de álbum, de grande

formato e pranchas soltas (com tiragem de apenas 12 exemplares) e outro em *offset*, com tiragem de 500 exemplares numerados, para distribuição entre as principais bibliotecas do Brasil.

O “livro de artista” em formato de álbum tem caixa recoberta em couro natural, e as pranchas impressas em jato de tinta sobre papel de algodão. Uma característica fundamental desse livro/álbum – que inclusive o diferencia da versão *offset* – é o formato concebido com pranchas, o que permite a futura inserção de novas “imagens”, sempre que mais fotografias forem encaminhadas e reincorporadas ao acervo da Biblioteca Nacional.

Nestes livros, ambos intitulados 2005-510117385-5, assim como o inquérito policial instaurado para desvendar o crime, estão reproduzidos apenas o verso de cada uma das 101 fotografias recuperadas, em tamanho real, ordenadas segundo a data de sua reinserção no acervo da Divisão de Iconografia da FBN.

Desse modo, 2005-510117385-5 não é um livro de fotografias, mas sobre o furto das fotografias da Biblioteca Nacional. Nele, o “leitor” só tem acesso às legendas descritivas de cada imagem, e esta não é mostrada: trata-se de um convite à reflexão sobre o vandalismo, sobre a perda do patrimônio cultural e sobre a amnésia histórica.



2005-510117385-5 "versão álbum"

